

**Funcionário do Instituto de Artes vem criando salas de leitura na periferia desde 1994**

# Genésio, o disseminador de bibliotecas

CLAYTON LEVY

clayton@reitoria.unicamp.br

Paulo Freire virou para a mulher e disse: “Anita, sabe que lá em Campinas fizeram uma biblioteca popular na favela e puseram o meu nome?”. Acostumado aos títulos e honrarias recebidos nos círculos intelectualizados, o educador revelava uma satisfação diferente ao saber que a homenagem agora partia da periferia, para quem sua pedagogia *crítico-libertadora* sempre esteve voltada. O que ele não sabia é que a iniciativa, protagonizada por um funcionário da Unicamp, cruzaria as fronteiras da cidade, transformando-se num modelo para outros municípios e estados.

Fã ardoroso de Paulo Freire, técnico realiza IV Seminário sobre educador

A conversa doméstica, relatada pela própria Anita, ocorreu em 1995, um ano depois de Francisco Genésio Lima de Mesquita, técnico administrativo da Faculdade de Educação, ter inaugurado a Biblioteca Popular “Paulo Freire”.

A unidade, que nasceu na sala de sua casa, no Jardim Santa Rosa, periferia de Campinas, já expandiu para outros sete bairros da cidade e está prestes a surgir em Hortolândia, com apoio da prefeitura local. Embaldado pelo sucesso da idéia, ele realizará no próximo dia 17, no Centro de Convenções da Universidade, o IV Seminário Paulo Freire, que incluirá uma mesa-redonda para abordar as idéias do educador pernambucano.

Genésio já perdeu as contas das palestras que fez para falar sobre a biblioteca popular. Só no ano passado esteve em Belém, Manaus, Natal e Recife. Desde 1994, quando inaugurou a primeira unidade, ele vem liderando e divulgando um movimento que já colocou ao alcance dos moradores da periferia cerca de 10 mil livros. “Quando comecei ninguém dava nada pelo projeto”. Na época, o Jardim Santa Rosa era um dos bairros mais violentos da cidade. As cerca de 700 famílias conviviam diariamente com altos índices de criminalidade, evasão escolar e drogas. “Achei que uma biblioteca poderia ajudar na formação das crianças e mudar esse quadro”.

**Mortadela** – Genésio inaugurou a biblioteca no dia 12 de outubro de 1994. “Foi intencional, porque a idéia estava voltada para as crianças”. Regada a suco de groselha e pão com mortadela, a festa foi um sucesso. Era a primeira vez que os moradores, mesmo os adultos, viam uma biblioteca. Nos 12 metros quadrados que delimitavam a sala de estar de sua casa, Genésio organizou 280 livros em prateleiras de madeira que ele mesmo montou. Os volumes, todos doados por alunos e professores da Unicamp, mudariam para sempre a vida de inúmeros jovens da comunidade.

Logo após a inauguração, Genésio sentiu necessidade de comunicar Paulo Freire que usara seu nome para batizar a biblioteca. Na verdade, era um pretexto para conhecer o educador, de quem se tornara fã incondicional. A oportunidade surgiu de um encontro com o professor Moacir Gadoti, biógrafo do educador pernambucano, que viera à Unicamp para participar de uma banca de mestrado. “Ele gostou da idéia da biblioteca e me deu o telefone do Paulo Freire”.

Genésio não perdeu tempo. Ligou no mesmo dia. Quando ouviu o educador do outro lado da linha não sabia o que dizer. “Professor Paulo Freire, aqui é o Genésio”. E Freire: “Que Genésio?”. A resposta foi longa. Genésio pôs-se a falar da tal biblioteca que havia inaugurado no Jardim Santa Rosa. Contou sobre o interesse dos moradores, da alegria das crianças, da festa da inauguração, dos problemas do bairro, da violência, de suas expectativas. No final, pediu um encontro com Freire. “Precisamos formalizar sua autorização para o nome da biblioteca”. Para surpresa de Genésio, o educador concordou.

**O encontro** – No dia e horário combinados, Genésio apertava a campainha da casa de Freire no bairro Sumaré, em São Paulo. “Foi a experiência mais marcante da minha vida”. Dez anos depois, ele ainda traz vivos na memória todos os detalhes. “Ele estava de calça branca e camisa vermelha, na sala havia um monte de objetos indígenas e na varanda tinha um passarinho amarelo numa gaiola”. Genésio fotografou tudo. E se impressionou com a paciência do educador. “Ele não era de falar muito; gostava de ouvir”.

Freire ouviu muito. Mas Genésio queria



O técnico administrativo Francisco Genésio Lima de Mesquita, espalhando bibliotecas por oito bairros de Campinas e chegando a Hortolândia

mais. Pediu a ele que viesse a Campinas fazer uma palestra. “Genésio, meu filho, minha vida é muito corrida”. O visitante não desistiu: “Não tem problema, professor, marca para quando o senhor puder”. Freire consultou a agenda e marcou para dali a seis meses. De volta a Campinas, Genésio foi direto ao gabinete do então secretário municipal de educação, Ezequiel Theodoro da Silva. “Secretário, consegui trazer o Paulo Freire para Campinas”. Ezequiel duvidou: “Você, Genésio?”. Ele manteve a pose: “Pois é, estive na casa dele ainda há pouco e ele me garantiu que vem. Quero que o senhor me ajude com cartazes, folders e o teatro Castro Mendes”.

Ezequiel resolveu apoiar. O evento foi marcado, a divulgação foi feita, mas uma semana antes Freire liga para Genésio e avisa que não poderia vir. Problemas de saúde. Era o início da doença que o levaria à morte um ano depois, em maio de 1997. Ezequiel gelou, quis cancelar o evento, mas Genésio não arredou pé. Convidou Moacir Gadoti para substituir o educador. No dia marcado, 600 pessoas lotaram o Castro Mendes. O encontro foi um sucesso.

**O roubo** – Nem sempre, porém, as coisas deram certo para Genésio. Uma vez entrou na biblioteca e furtaram cerca de 200 livros. “Quando vi a porta arrebentada e as prateleiras vazias, fiquei embasbacado”. Pior para os ladrões, Genésio podia suportar tudo, menos que mexessem com sua biblioteca. Conhecendo a comunidade, foi direto à casa de um morador cuja fama no bairro não era das melhores. “Sei que vocês roubaram meus livros, quero tudo de volta hoje mesmo ou então vou à polícia”. O tal morador riu na cara de Genésio. Ele foi à polícia.

Na delegacia, Genésio foi curto e grosso: “Delegado, roubaram meus livros e sei quem são os ladrões, quero que o senhor vá lá prendê-los”. Em questão de minutos Genésio estava no camburão levando a polícia à casa suspeita. Ao chegarem, os policiais surpreenderam quatro homens mal encarados. Tentaram fugir mas foram detidos. Dentro da casa, vários objetos furtados, entre eles os livros de Genésio. Minutos depois estavam todos de volta à biblioteca, de onde nunca mais saíram, a não ser para espalhar cultura entre os moradores do Jardim Santa Rosa.

## Dermatologista investiga casos brasileiros de uma doença rara

RAQUEL DO CARMO SANTOS

kel@reitoria.unicamp.br

As mutações do gene causador da síndrome de Sjögren-Larsson – dermatose genética com alterações neurológicas – mereceram atenção especial da dermatologista Mariam Patrícia Auada Souto em seu trabalho de doutorado realizado na Faculdade de Ciências Médicas (FCM). A enfermidade, embora rara, apareceu no Brasil há 40 anos e sua maior prevalência pode ser observada na Suécia,

Dermatose evolui para problemas neurológicos e paralisia

onde foram registradas as primeiras ocorrências. Ao longo dos anos, os casos se espalharam para os países da Europa e alcançaram o Oriente Médio. Por isso, a pesquisa conduzida por Mariam Souto procurou conhecer a procedência da doença no Brasil, uma vez que o país não constitui o universo provável para o recebimento dos casos raros. Uma indicação, a partir dos resultados do estudo da dermatologista, é que a doença possa ter entrado no país com a imigração européia ocorrida no século 16. Isso porque a mutação específica nos casos brasileiros se assemelha geneticamente com os registros de pacientes espanhóis.

A síndrome de Sjögren-Larsson é uma enfermidade decorrente de deficiência enzimática e evolui para retardo mental e paralisia dos membros. Os principais sintomas aparecem nos primeiros dias de vida, quando a pele do bebê nasce ressecada e semelhante a escamas de peixe, um tipo de ictiose que perdura para sempre, causando desconforto e coceira no paciente. “A expectativa de vida é variável, mas com baixa qualidade”, informa a

dermatologista. O diagnóstico não é simples e depende de um conjunto de avaliações de profissionais geneticistas, neurologistas e dermatologistas. Trata-se de uma doença denominada autosômica recessiva – os pais do paciente não têm a enfermidade, mas são portadores do gene que a causa. “Na maioria dos casos, os pais são parentes próximos, fator que aumenta o risco de adquirir a síndrome”, explica a pesquisadora.

O interesse de Mariam Souto por esta doença rara surgiu há cerca de quatro anos, quando realizava residência médica em dermatologia no Hospital das Clínicas (HC) da Unicamp. Em contato com dois irmãos portadores da doença e acompanhando a mãe gestante de um terceiro filho sob risco de também contrair a síndrome, a dermatologista intuiu que poderia atenuar a evolução do quadro da doença no bebê que nasceria. Para isso, incluiu no tratamento da criança, nos primeiros meses de vida, uma dieta sem gorduras, uma vez que o problema decorre do metabolismo de lipídeos no organismo. A proposta deu certo, com a ajuda do gastropeletra Edgar Collares. “A criança possui alterações neurológicas leves e seu estado geral é melhor que de seus irmãos também doentes e não tratados”, afirma. A experiência, porém, não pode ser vista como uma comprovação científica, pois foi realizada apenas em um caso.

**Grupo maior** – Num segundo momento, Mariam Souto se propôs a estudar os aspectos clínicos, histológicos, estruturais e moleculares de dez pacientes acompanhados no HC. Entre crianças e adultos, a pesquisa foi constituída de várias etapas para caracterizar os casos brasileiros da doença. A utili-



A dermatologista Mariam Patrícia Auada Souto: doença deve ter vindo com europeus no século 16

zação de imagens digitais para análise da textura da pele possibilitou compreender as alterações que levavam até a doença. “Detectou-se alterações na arquitetura da pele, o que não era possível enxergar com microscópio”, diz. Este estudo foi realizado junto ao Departamento de Anatomia Patológica, sob orientação dos professores Konradin Metzke e Maria Leticia Cintra, além do professor Neu-

comar Leite, do Instituto de Computação (IC) da Unicamp. Parte da pesquisa ocorreu no Centro de Biologia Molecular e Engenharia Genética (CBMEG), orientada pela professora Edi Lúcia Sartorato. Houve ainda a colaboração do pesquisador americano William Rizzo, da Universidade de Nebraska, tendo sido ele quem descobriu o defeito bioquímico da doença.